

OS MÓRMONS E A BÍBLIA

A fim de avaliarmos os ensinamentos do mormonismo, precisamos penetrar no pensamento dos mórmons: 1) seu conceito sobre a inspiração da Bíblia; 2) os valores que atribuem a seus próprios escritos.

Devemos ter em vista dois itens da declaração doutrinária dos mórmons nesta discussão. O primeiro, o Artigo 8º da Declaração de Fé Mórmon, que é a apresentação doutrinária oficial publicada por essa igreja.

“Cremos que a Bíblia é a Palavra de Deus, até onde está corretamente traduzida; também cremos que o Livro de Mórmon é a Palavra de Deus”.

O segundo, o Artigo 9º, declara:

“Cremos em tudo que Deus já revelou, tudo que ele agora revela, e cremos que ele revelará muitas coisas grandes e importantes pertencentes ao Reino de Deus”.

Portanto os mórmons creem na revelação progressiva, conforme evidencia sua aceitação do Livro de Mórmon como a palavra de Deus, e consideram possível mais revelações posteriores. Essas declarações doutrinárias foram formuladas e publicadas somente depois de completados os escritos de Joseph Smith, provavelmente em 1843. Os escritos de Smith se expandiam à medida que surgia a necessidade de novas "escrituras" para concretizar a evolução de sua teologia, ou seja, a criação de novas doutrinas. É fato que a evolução dos escritos de Smith se desenvolveu na razão direta da deterioração de seu conceito sobre Deus.

Apresentamos um resumo das obras de Smith, na ordem em que foram escritas, embora não tenham sido publicadas nessa ordem:

- 1 O Livro de Mórmon, 1830;
- 2 Os Pactos e os Mandamentos, que posteriormente recebeu o nome Doutrina e Convênios, que são "revelações" outorgadas a Joseph Smith, 1830-1843;
- 3 A Versão Inspirada da Bíblia, 1832(?), publicada pela igreja mórmon reorganizada em 1866;
- 4 A Pérola de Grande Valor, que abrange o "Livro de Moisés", "Livro de Abraão" e "Uma Seleção das Revelações, Traduções e Narrativas de Joseph Smith", 1833-1835. Impressos pela primeira vez em 1851;
- 5 O Discurso King Follett, um discurso proferido num funeral em 1844.

No Livro de Mórmon o conceito de Deus não diverge grandemente do conceito bíblico, embora não haja discernimento no uso apropriado dos diversos nomes bíblicos de Deus. Na Versão Inspirada da Bíblia, que veio em seguida na ordem dos escritos de Smith, bem como no "Livro de Moisés" da Pérola de Grande Valor, os quais são idênticos, Deus já se tornara antropomórfico. Isso está de acordo com a afirmativa de Paulo, em Romanos 1.23, com referência à deterioração do culto gentio: *“Mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível”.*

No Livro de Abraão, que vem depois do Livro de Moisés na Pérola de Grande Valor, Smith já havia desenvolvido um nítido politeísmo: Deus se tornara um entre vários deuses.

No Doutrina e Convênios, que se acumularam durante um período de doze anos, Deus foi apresentado como tendo corpo de carne e ossos (D&C 130.22).

No *Discurso King Follett*, que foi apresentado no último ano da vida de Smith, Deus é pintado como sendo “*uma vez como nós somos agora, e é um homem glorificado*” (King Follett Discourse, p. 8).

Cabe aqui um breve resumo dos diversos volumes que constituem as escrituras dos mórmons, necessário para este estudo.

O Livro de Mórmon

Afirma-se que foi traduzido de placas de ouro que Smith teria encontrado, por indicação do Anjo Morôni, em uma caixa escondida numa encosta perto da fazenda dos Smith, nas proximidades de Palmyra, Nova Iorque.

O livro conta a vinda do Cristo ressurreto à América, onde Ele teria pregado aos seus habitantes, resultando nisso na formação de uma igreja cristã na América no primeiro século. Essa igreja teria desaparecido no decorrer do quarto século d.C.

Consta que essas placas traziam inscrições no idioma “egípcio reformado” e continham o registro de várias migrações para o continente americano nos tempos do Antigo Testamento. O desenvolvimento dessas migrações em civilizações, e sua história até o 5º século da nossa era, constituem o tema principal do livro.

Doutrinadores mórmons insistem que os índios americanos descendiam desses imigrantes, que eram judeus que haviam deixado Jerusalém 600 anos antes de Cristo, e vieram para a América através do Pacífico. Daí, segundo os mórmons, os índios são semitas e constituem as tribos perdidas de Israel. Nesse ponto, os mórmons têm diante de si a circunstância embaraçosa de possuírem uma teoria diferente sobre a origem dos habitantes da América. Essa segunda teoria é tão “autêntica” quanto o *Livro de Mórmon*, pois foi revelada a Joseph Smith em 19/05/1838, em Spring Hill, Missouri, e se encontra registrada em *Doutrina e Convênios* seções 116-117 e James E. Talmage (1862-1933) defende essa teoria em *Artigos de Fé*, p. 474.

A tradução das placas de ouro teria sido efetuada por meio de um par de óculos encontrado junto delas, chamados por Smith “*urim e tumim*”. Há várias narrativas contraditórias sobre o método de tradução. Uma das versões do próprio Smith é que, quando *urim e tumim* eram colocados sobre os caracteres de “egípcio reformado”, apareciam-lhe em inglês.

É duvidoso que Smith tivesse em mente que o *Livro de Mórmon* viesse a tornar-se a base de uma religião. Evidentemente, sua primeira ideia era escrever um romance visando lucro.

No decorrer do processo de escreverem o livro, ao que parece, Smith e seu escriba, Oliver Cowdry, tiveram então a ideia de fundar uma nova igreja. Até publicarem o livro, Cowdry e Smith afirmavam ter recebido visões e cada qual batizou e ordenou ao outro, sob as supostas ordens de João Batista:

“que nos visitou nessa ocasião e nos conferiu esse sacerdócio (aarônico)... e que assim procedia sob a direção de Pedro, Tiago e João, que detinham as chaves do Sacerdócio de Melquisedeque, sacerdócio esse que... oportunamente nos seria conferido, e que eu seria chamado o primeiro Ancião da igreja e ele (Oliver Cowdry) o segundo. Foi no décimo-quinto dia de maio de 1829 que fomos ordenados sob a mão desse mensageiro e batizados” (Pérola de Grande Valor, História de Joseph Smith, p. 98-99).

Vários anos depois, quando Cowdry fazia sua defesa depois de ter sido expulso da igreja, ele fez um comentário muito esclarecedor, referente à identidade do mensageiro que fora reconhecido como João Batista. Cowdry disse:

“Recebi o batismo pela direção do Anjo de Deus, cuja voz, conforme ultimamente me ocorreu, tinha uma semelhança muito misteriosa com a voz do Ancião Sidney Rigdon”.

Sidney Rigdon posteriormente se tornou o teólogo de Joseph Smith. Logo apareceram testemunhas da veracidade da *“obra divinamente revelada”*, entre o crescente número de membros da novel igreja. Três testemunhas, Oliver Cowdry, David Whitmer e Martin Harris, assinaram uma declaração, cujo resumo é o seguinte:

“Que nós... vimos as placas... e também sabemos que foram traduzidas pelo dom e poder de Deus... e também testificamos que vimos as inscrições que estão nas placas... e declaramos com palavras de sobriedade, que um Anjo de Deus desceu do céu, e ele trouxe e colocou diante dos nossos olhos que nós contemplamos e vimos as placas e as inscrições que nela havia” (Prefácio do Livro de Mórmon).

Smith depressa ficou insatisfeito com esse testemunho dos três, uma vez que cada um deles contava o caso a seu modo. Antes que o livro fosse para a gráfica, foram conseguidas oito testemunhas adicionais que declararam que tinham visto e tomado o peso das placas.

Na primeira edição do *Livro de Mórmon*, essa declaração das oito testemunhas informa que Joseph Smith Jr. era “autor e proprietário desta obra.” A mesma afirmativa constava da página de rosto da primeira edição.

Nas edições posteriores, as oito testemunhas diziam que Smith era o “tradutor” do livro. A página de rosto também foi modificada. Comenta I. W. Riley que *“o nome do autor e proprietário do Livro de Mórmon foi tomado por descuido e logo abandonado”* (*The Founder of Mormonism*).

Essa transição de “autor” para “tradutor” foi um passo de desenvolvimento. A “revelação” que autorizava o novo título de Smith veio várias semanas depois da publicação do *Livro de Mórmon*. O Livro de Mandamentos, posteriormente chamado *Doutrina e Convênios*, registra essa revelação, com data de 6 de abril de 1830, como segue: *“Serás chamado vidente, tradutor, profeta, apóstolo de Jesus Cristo”* (D&C 21:1). Hoje os mórmons são veementes em insistir que Smith foi o tradutor e não o autor do Livro de Mórmon.

Das três primeiras testemunhas, Cowdry, que recebeu a primeira inspiração juntamente com Joseph Smith, foi expulso da igreja em razão de um sem-número de irregularidades, inclusive procedimento desordeiro e falsificação. Antes disso, enquanto estava ainda na igreja, ele tinha sido disciplinado por adultério.

Martin Harris, que fora um dos primeiros partidários de Smith e financiaria a primeira edição do *Livro de Mórmon*, admitiu mais tarde ter visto as placas “pelos olhos da fé”.

Harris foi sempre mais ou menos um problema para Smith por causa de sua língua solta. Por fim foi expulso como apóstata, depois de ter tomado o partido de uma jovem “vidente” que usava uma pedra preta para prever o futuro. Nos últimos anos de sua vida, Harris uniu-se de novo aos mórmons e foi levado pelos brighamistas para Utah. Tornou-se, porém, mais um problema do que um troféu, e pouco mais se sabe a seu respeito, se bem que lhe foram outorgadas honras apropriadas por ocasião de sua morte.

David Whitmer foi expulso da igreja junto com Martin Harris e Cowdry, no episódio da jovem vidente, mas foi reintegrado e enviado ao Oeste junto com Cowdry a negócios da igreja. Quanto ao segundo grupo de testemunhas, até 1837, sete anos após a impressão do *Livro de Mórmon* todas, com exceção do pai e irmãos de Joseph Smith, já tinham sido expulsas da igreja como apóstatas ou tinham saído espontaneamente.

Desse modo, todos os três elementos do primeiro grupo, e cinco do segundo grupo de testemunhas, foram mais tarde repudiados por Smith. Quando levamos em consideração que Smith declarava que essas testemunhas foram todas “ordenadas pelo Senhor” para ser testemunhas (Prefácio do Livro de Mórmon), não podemos deixar de por em dúvida a onisciência do deus de Smith.

A Versão Inspirada da Bíblia

Em 1830 Joseph compreendeu que a Bíblia, como estava, e o *Livro de Mórmon*, não eram suficientes como base para sua teologia que se expandia. Isso era verdade especialmente no caso de suas ideias em evolução sobre o sacerdócio. Iniciou então sua *Versão Inspirada da Bíblia*. Um de seus apologistas escreve:

“As escrituras do Novo Testamento são a Palavra de Deus até onde se acham corretamente traduzidas. Joseph Smith empreendeu uma revisão das escrituras, da única forma possível: pela revelação” (The Divine Church, James L. Barker, p. 9).

O mesmo escritor afirma, ao comentar o texto das Escrituras:

“De modo geral, é de bom arbítrio não usar uma única passagem da escritura como prova de determinado assunto, a não ser que esteja confirmada pela revelação moderna. Tendo uma citação única confirmada na revelação moderna, podemos ter a certeza de sua interpretação... “Ninguém jamais viu a Deus” (João 1:18) não está de acordo com outras escrituras. Em tais casos, ou o texto não chegou corretamente até nós ou foi traduzido incorretamente” (idem, p. 12).

“Revelação moderna” para Barker significa as “revelações” dadas a Joseph Smith. Ninguém, senão Smith, era capacitado para receber revelações. Na *Versão Inspirada*, Smith coloca, sobre o quadro da velha versão inglesa, uma quantidade de material inteiramente estranho à Bíblia, e que não possui nenhuma justificativa a não ser documentar as doutrinas de Smith. Várias centenas de versículos são acrescentados ao Gênesis, e muitos outros são modificados para acomodá-los às ideias dele.

A história da criação, e das vidas de Adão e sua família, são grosseiramente falseadas, sendo-lhes acrescido muito material fictício. A vida de Enoque é expandida em vários capítulos de material exótico, pelos quais Smith e Rigdon pretenderam dar valor a sua *“Ordem de Enoque”*, de caráter comunista, e que seria logo abandonada. A história de Melquisedeque vem muito ampliada, a fim de fornecer fundo “bíblico” às ideias dos mórmons quanto ao sacerdócio. A passagem correspondente na Epístola aos Hebreus foi alterada com o mesmo fim.

Quem ler tratados ou obras expositivas dos mórmons, deve verificar com cuidado as pretensas referências bíblicas. A expressão *“conforme escreveu um dos antigos profetas”*, é seguida muitas vezes pela citação de um escrito puramente mórmon. Deve ser verificada especialmente qualquer suposta citação da Bíblia. Os mórmons ora citam a antiga versão inglesa, quando serve seus fins, ou podem citar sua própria *Versão Inspirada*.

Por exemplo, em apoio à sua doutrina de que todos os homens foram criados como espíritos, e existiram como espíritos desencarnados em eras longínquas, citam Gênesis 2.5-6, que na sua Versão Inspirada, diz:

“Pois Eu o Senhor Deus criei todas as cousas das quais tenho falado, espiritualmente, antes que estivessem naturalmente sobre a face da terra; pois Eu o Senhor Deus não fizera chover sobre a terra. E Eu o Senhor Deus tinha criado todos os filhos dos homens, e ainda não um homem para cultivar o solo, pois no céu Eu os criara, e ainda não havia carne sobre a terra”.

Qualquer leitor inteligente da Bíblia saberá que tais palavras não se encontram nela, porém quem pouco sabe da Bíblia poderá imaginar que a citação é realmente dela. Há dezenas de adulterações desse tipo.

Os manuscritos da *Versão Inspirada* permaneceram em mãos da viúva de Joseph, Emma, por isso não foram publicados pelos mórmons do Lago Salgado, nem são geralmente usados por eles. A “versão” foi impressa primeiro em 1866 pela Igreja Reorganizada, e é por ela usada como texto básico da Bíblia.

Doutrina e Convênios

Enquanto prosseguia esse trabalho de “revisão”, a Igreja estava expandindo-se rapidamente, tendo-se transferido para Kirtland, Estado de Ohio. Havia agora necessidade de diretrizes para regulamentar a Igreja e os negócios em geral. Essas tomaram a forma de “revelações”, foram reunidas no novo volume que se tornou conhecido por *Doutrina e Convênios* (chamado primeiramente *Livro de Mandamentos*) e apresentadas como sendo a palavra do Senhor recebida por Joseph Smith. Tal forma era inevitável, uma vez que Smith já criara o precedente de falar como único profeta estabelecido por Deus.

Há alguma coisa de muito incoerente no material aí reunido, como por exemplo o pagamento de contas de tipografia, abertura de curtumes e tipografias, a construção de uma pensão, a nomeação de comissões e inúmeros outros detalhes seculares. A fonte muito humana dessas “revelações” é evidente, pois frequentemente as diretrizes se mostraram contraproducentes, para desabono de Smith e prejuízo da organização.

A Pérola de Grande Valor

Durante o período em Kirtland, foi dado início a uma quarta obra: a Pérola de Grande Valor. Esse volume é rejeitado pela Igreja Reorganizada, mas é considerado texto padrão pelos mórmons do Lago Salgado.

O “*Livro de Moisés*”, que é a primeira parte da Pérola de Grande Valor, é idêntico às passagens iniciais da Versão Inspirada da Igreja Reorganizada. Esse volume contém também Mateus 24, citado com várias omissões e alterações da antiga versão inglesa da Bíblia, e constando do capítulo intitulado “Escritos de Joseph Smith.” Essa seção inclui vinte páginas da história pessoal de Smith, bem como os “Artigos de Fé”, que constam de várias publicações dos mórmons. A parte mais surpreendente da *Pérola de Grande Valor* é o “*Livro de Abraão*”, que Smith assim descreve:

“Uma tradução de alguns registros antigos que vieram parar em nossas mãos, vindos das catacumbas do Egito: os escritos de Abraão enquanto ele estava no Egito, e chamados Livro de Abraão, escrito em papiro por seu próprio punho” (Pérola de Grande Valor, p. 50).

Esses papiros foram encontrados nos envoltórios de certas múmias egípcias, os quais Smith comprou de um dono de circo ambulante de nome Chandler. Afirmava-se que a múmia, sobre as quais foram encontrados os escritos de Abraão, era da filha de Faraó.

Nas páginas 50 e 62 da *Pérola de Grande Valor* encontram-se reproduções de folhas do papiro do “Livro de Abraão.” Smith atribuiu-lhes grande importância, apresentando pormenorizadamente sua interpretação. Não afirma, porém, ter traduzido esses papiros por “revelação”, conforme fizera em seus escritos anteriores, mas por “tradução do egípcio”.

Smith nada sabia de egípcio. O “egípcio reformado” das placas de ouro tivera que ser “interpretado” por meio do “urim e tumim”. O que ficou preservado do “Livro de Abraão” não apresenta nenhuma semelhança com os caracteres “egípcios reformados” da amostra copiada por Smith das placas de ouro.

Sem dúvida, Smith se sentia seguro no papel de tradutor do egípcio, porque naquele tempo muito pouco era sabido da língua egípcia. A primeira gramática egípcia, iniciada por Champollion na década dos 1820, não foi publicada senão em 1836. Os desenvolvimentos dos cinquenta anos seguintes (no decorrer dos quais o “Livro de Abraão” de Smith se tornara evangelho para os mórmons), provaram que Smith nada sabia da língua egípcia, conforme fica claramente demonstrado em seu *Pérola de Grande Valor*. A Igreja Reorganizada chegou a reconhecer isso e deixou de usar o livro, porém, não repudiaram seu tradutor.

Egiptólogos do século XX, tendo examinado as reproduções de Smith, informam que suas “traduções” são completamente inexatas. São de opinião que os papiros de Smith nada mais eram do que os documentos comuns usados nos ritos funerários do período egípcio posterior. Existem milhares desses documentos, que se acham expostos em qualquer museu de antiguidades egípcias. Além disso, afirmam categoricamente que tais documentos não eram usados senão pelo menos quinhentos anos depois do tempo de Abraão.

Entre esses egiptólogos estavam os destacados eruditos Dr. W. Flinders-Petrie, de Londres; Dr. James H. Breasted, de Chicago; Dr. Arthur C. Mace, de Nova Iorque; Dr. John H. Peters, da Universidade de Pennsylvania, e diversos outros.

Dessa forma o “*Livro de Abraão*” ficou completamente desacreditado, a não ser aos olhos de mórmons leais. Um professor da Universidade Brigham Young, ao se defrontar com esses fatos do citado escritor, respondeu: “*Os mórmons preferem confiar nas inspirações de Joseph Smith do que na erudição de modernos cientistas*”.

O Discurso King Follett

Mais um documento tido por inspirado, embora não esteja incluído entre as Doutrinas e Convênios, é um discurso proferido por Joseph Smith perante 20.000 mórmons no enterro do Ancião King Follett em Nauvoo, Estado de Illinois, em abril de 1844.

Esse discurso, proferido poucas semanas antes da morte de Smith por assassinato, apresenta um resumo final da sua doutrina do homem divinizado e um deus humanizado. É citado com frequência pelos mórmons, e dele formulou Lorenzo Snow: “*Como o homem é, assim foi Deus. Como Deus é, assim pode tornar-se o homem*”.

Incoerência do Pensamento Mórmon Sobre a Bíblia

Os mórmons fazem questão de afirmar que provavelmente nenhuma passagem da Bíblia chegou até nós traduzida corretamente. Entretanto, o *Livro de Mórmon* e os demais escritos de Joseph Smith contêm milhares de citações da antiga tradução inglesa da Bíblia. Foram incluídos pelo menos quinze capítulos completos de Isaías e dois capítulos de Malaquias, os quais se acham transcritos na linguagem exata da tradução inglesa chamada “autorizada”, com todo o seu idioma do princípio do século XIX. O exame dos escritos dos mórmons revela que a exclusão das citações e alusões bíblicas resultaria numa confusão sem sentido da pseudo-história dos mórmons.

Os mórmons expuseram-se à acusação de duas incoerências: 1) Repudiaram o próprio texto que serve de base literária de seus escritos; 2) De fonte nada respeitável produziram suas próprias escrituras, as quais apresentam citações sem fim em apoio de suas doutrinas. Professam honrar a Bíblia como revelação da parte de Deus para o Hemisfério Oriental, ao passo que alegam que o *Livro de Mórmons* é a revelação dos tratos de Deus para com o povo do Hemisfério Ocidental.

Os mórmons dizem respeitar a Bíblia, vendem-na em suas livrarias, mas eles próprios confessam que raramente a leem; e não se arriscam expor-se aos ensinamentos da Bíblia.

Diversos ex-mórmons atribuem sua libertação da seita ao fato de terem tentado conciliar o mormonismo com a Bíblia. O estudo da Bíblia os convenceu das incoerências dos ensinamentos dos mórmons.

O QUE O MORMONISMO ENSINA SOBRE “ESCRITURAS” HOJE

O site oficial do mormonismo, visitado em 29/05/2018, exclui o Discurso King Follet e a *Versão Inspirada da Bíblia*, ambos de autoria de Joseph Smith, de sua lista de “escritura”, como vemos no print abaixo:

Fonte: <https://www.mormon.org/por/mandamentos>



A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias reconhece os seguintes livros como escritura:

- A Bíblia Sagrada
- O Livro de Mórmon
- Doutrina e Convênios
- A Pérola de Grande Valor

A Bíblia é uma coleção de textos sagrados que contém revelações de Deus e os registros de Seus procedimentos com Seus filhos no velho mundo e testifica de Jesus Cristo.

- Visualize a Biblioteca de Escrituras Online
- Solicite um exemplar gratuito do Livro de Mórmon

A “*Bíblia Sagrada, Almeida 2015*” é a versão disponível para consulta no site mórmon, que informa ter como base a edição de 1914 de Almeida submetida a uma “revisão bastante conservadora”:

O texto de escrituras da edição SUD da Bíblia Sagrada em português tem como base a edição de 1914 da Bíblia de Almeida. Este texto passou por uma revisão bastante conservadora, visando a modernização de parte da gramática e do vocabulário em que houve alteração quanto ao significado e a aceitabilidade. A Bíblia Sagrada está agora disponível no site LDS.org e no aplicativo móvel da Biblioteca do Evangelho. As edições impressas estarão disponíveis a partir de março de 2016.

BAIXAR

A Primeira
Presidência Anuncia a
Edição SUD da Bíblia
Sagrada em
Português

Sobre o *Livro de Mórmon* eles dizem:

“A Palavra de Deus

O Livro de Mórmon é a palavra de Deus, assim como a Bíblia. É escritura sagrada, com forma e conteúdo semelhantes à Bíblia. Os dois livros contêm a orientação de Deus conforme revelada aos profetas bem como histórias religiosas de diferentes civilizações. Enquanto a Bíblia é escrita para e sobre as pessoas da terra de Israel e imediações e abrange da criação do mundo até pouco depois da morte de Jesus Cristo, o Livro de Mórmon contém a história e os procedimentos de Deus com o povo que viveu nas Américas aproximadamente entre 600 AC e 400 DC. Os profetas do Livro de Mórmon registraram a comunicação de Deus com Seu povo, que foi compilada por um profeta chamado Mórmon, em placas de ouro.

Antes de esses fiéis cristãos perecerem, seu registro foi escondido para sua segurança. Joseph Smith obteve esses registros em 1827 e com o dom e poder de Deus foi capaz de traduzir os escritos antigos para o que temos hoje. O Livro de Mórmon, junto com a Bíblia, testifica que Jesus Cristo é nosso divino Redentor e que, vivendo de acordo com Seu evangelho, podemos encontrar paz nesta vida e felicidade eterna na vida vindoura”.

Fonte: <https://www.mormon.org/por/livro-de-mormon>

Bibliografia:

Seria Cristão o Mormonismo?, Gordon H. Fraser, Imprensa Batista Regular, 1ª edição, 1965.